

Rifoneiro Barrosão

POR

Barroso da Fonte *

Licenciado em Filosofia pela U. C. P.
Sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia

A região de Barroso compreende os actuais concelhos de Montalegre e de Boticas e, segundo vários autores, compreende ainda o antigo concelho de Ruivães, extinto em 31 de Dezembro de 1853 e a parte do actual concelho de Chaves, porquanto Barroso se estende, até às margens do Tâmega, a crer em diversos historiadores e na própria tradição popular.

Muitos e variados são os aspectos da cultura Barrosã. Esquecida durante séculos, só depois de 1900 os estudiosos começaram a demandá-la, em busca de matéria fácil para os seus trabalhos.

Refiram-se por exemplo, nomes como: Fernando Braga Barreiros, José Baptista Barreiros, Sant'Ana Dionísio, Leite Vasconcelos, Abade de Baçal, Ferreira de Castro, Montalvão Machado, Viegas Guerreiro, João Gonçalves da Costa, Bento da Cruz, Lourenço Fontes, Santos Júnior, enfim, uma amostragem que ilustra o movimento crescente, desde o começo do nosso século e que bom seria ver redobrado, porque muita coisa há para recolher antes da perda total.

A cultura dos povos manifesta-se sob diversas formas. Os rifões representam uma dessas maneiras curiosas que têm

* Residência: Rua de S. Gonçalo, 1180 - 5.º E. — 4800 Guimarães.

o condão de conter, num mínimo de palavras, um máximo de interpretação da filosofia da vida.

Cada terra tem os seus ditados, as suas máximas, os seus provérbios, formulários riquíssimos que sintetizam as regras vivenciais desses mesmos povos.

Romontando a tempos recuados esses formulários linguísticos traduzem princípios de vida que nortearam a conduta humana, ao longo dos tempos e que ainda hoje resistem à ciência e a todas as suas derivações técnicas.

Num provérbio, num rifão, numa máxima encontra-se ainda hoje e terá validade por muitos anos mais, toda a ciência e todo o esforço humano que se tenha colocado, por exemplo ao serviço da saúde, da justiça social, da técnica agrícola, seja do que for.

Há ditados para tudo. E, curiosamente, esse emaranhado de palavras, quanto mais primitivo, mais actualidade parece ter.

A região de Barroso não tem o exclusivo dos ditos populares, porque eles para serem válidos, devem ter universalidade no espaço e no tempo. É sempre difícil garantir a exclusividade dos rifões. Mas há alguns que têm maior incidência na região, na medida em que traduzem a realidade rural, o comportamento humano, as próprias características geográficas e climáticas.

Houve autores que, um pouco por toda a parte, se dedicaram à recolha do rifoneiro. Dos muitos que nos últimos tempos têm escrito sobre Barroso, alguns têm dedicado alguma atenção a esses aspectos culturais.

Ao ter sido convidado pelo Professor Doutor Santos Júnior para escrever algo de interesse etnográfico, pareceu-me que este tema teria algum interesse, não pelo rigor que eu possa dar-lhe, porque é inesgotável e, o seu tratamento, exige especialistas. Mas pela curiosidade que esta abordagem possa despertar nos mais capazes e nos mais jovens que desta forma prestariam altíssimos serviços à cultura popular.

Fiz através de estudos de vários autores e daquilo que eu próprio consegui captar como barrosão que sou, uma recolha

de algumas centenas de rifões que se propagam, de geração em geração, pelas terras barrosãs.

Procurei sistematizá-los por temas, tarefa sempre difícil para quem não é especialista na matéria, tanto mais que os provérbios, tendo, alguns deles, várias interpretações nem sempre é fácil desligá-los de um tema para os enquadrar noutro.

Separar bem uns dos outros pelos fins que tratam, pelos conselhos que encerram, pela orientação que sugerem é uma tarefa pertinente. Deixo essa metodologia para alguns leitores ou para alguém que se entusiasme, no futuro, a partir das achegas que aqui trago e que espero não se percam, porque quanto é do passado se deve transmitir ao futuro.

Naturalmente que alguns rifões que aqui deixo, não circulam somente em Barroso. Pode acontecer até que respeitem mais a outras regiões. Mas foi minha preocupação recordar todos aqueles que me são familiares por tê-los ouvido, às boas Gentes Barrosãs.

Em 14 grupos distintos distribui os 351 rifões recolhidos. A ordem que lhes atribuí é arbitrária.

Haverá possibilidades de aumentar esses grupos porque são tantos os provérbios populares que dificilmente se esgotarão, por mais recolhidas que se façam.

O que fica é o convite aos etnógrafos para que completem este inesgotável trabalho de investigação.

SOBRE A ALIMENTAÇÃO

Guarda que comer e não guardes que fazer * Sem comer, não há prazer *
O vinho é meia manutenção * Com pão e vinho, já se anda caminho *
Pão quente nem a são, nem a doente * Pão quente, muito na mão, pouco no ventre *
Queres ver o teu marido morto? dá-lhe couves em Agosto *
Em Agosto, nem vinho nem mosto * Em Agosto vale mais vinagre que mosto *
Dia de S. Silvestre, não comas bacalhau que é peste * Ao peixe fresco gasta-o cedo, e havendo tua filha crescida, dá-lhe marido *
A perdiz e o frade, de manhã ou à tarde * Favas as primeiras; cerejas as últimas *
A laranja de manhã é ouro; ao meio dia, prata; e, à noite, mata *
Papas à noite, fazem azia * A mulher e a pescada quer-se da mais alentada *
A mulher e a sardinha quer-se da mais pequenina * Carne nova de vaca

velha * Por cima de peras, vinho bebas, até que nadem elas; mas nem tanto que andem de canto em canto * Por cima de peras, vinho bebas; com melão vinho de tostão; com melancia água fria * Por cima de melão vinho de tostão * Queijo com pão faz o homem são * Das grandes ceias estão a sepulturas cheias * Quem bem haja escusa ceia * Foge do mau vizinho e do excesso de vinho * Come para viver, não vivas para comer * Cautela e caldos de galinha, não fazem mal a doentes * Não há mau pão, para boa fome * A fome é boa cozinheira * A fome é o melhor tempero * Merenda comida, companhia desfeita * Quem come sem conta vive sem honra * Vinho d'Airó, bebe-o tu só * Quem tarde vier, comerá do que trazer * O fumeiro quer-se inteiro * Bem canta Marta, depois de farta * Conversas em jejum não têm gosto nenhum.

SOBRE REGRAS SOCIAIS

Cada terra com seu uso cada roca com seu fuso * Cá como cá, lá como lá * Quem semeia ventos colhe tempestades * Faz bem, sem olhar a quem * Quem à boda bai, se bergonha tem, da bolsa lhe sai * Mais vale só que mal acompanhado * Diz-me com quem andas e dir-te-ei as manhas que tens * Quem ao mais alto sobe ao mais baixo vem cair * Quem a minha casa não vai, da sua me emponta * Na terra onde existires farás como vires * Burro velho não toma andadura e, se a toma pouco dura * Fala pouco e bem, ter-te-ão por alguém * Amigo de meu amigo, meu amigo é * Poupa poupador, poupas para um gastador * A noite é boa conselheira * O travesseiro é bom conselheiro * Não faças nada sem consultar a almofada * Néscio calado por sábio é contado * Pouco falar, pouco custa, e muito vale * Quem diz o que quer, ouve o que não quer * Hóspede em casa, dia santo é * Casa varrida e mulher penteada parece bem e não custa nada * Cada pardal com o seu igual * Antes só que mal acompanhado * Consultar quem sabe, já é saber metade * A cautela morreu de velha * Se não queres casar mal, casa com um igual * Tanto tens quanto vales * Tristezas não pagam dívidas * A bodas e baptizados só vão os convidados * Mais vale um pássaro na mão que dois a voar * Largos dias têm cem anos * Devagar se vai ao longe e tolo é quem se mata

ANÁLISE E CRÍTICA DE COMPORTAMENTOS SOCIAIS

Tão ladrão é o que vai à horta como o que fica à porta * Quem vê caras não vê corações * Deus nos livre de bocas abertas e de pessoas mal certas * Capoeira onde há galo não canta galinha * Vozes de

burro não chegam ao céu * Burro velho não toma andadúra * Para bom entendedor meia palavra basta * Tudo se lava menos a má língua * A quem má fama tem não acompanhes nem digas bem * Passarinhos e pardais não são todos iguais * Galinha do campo não quer capoeira * É coisa muito feia meter a foice em seara alheia * Presunção e água benta, cada um toma a que quer * Dos mal agradecidos está o inferno cheio * Quem conta um conto aumenta-lhe um ponto * Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele * A má companhia torna o bom mau e o mau pior * Com teu amo não jogues as peras, que ele come as maduras e deixa-te as verdes * Como canta o abade assim canta o sacristão * Albarde-se o burro à vontade do dono * Apanha com o cajado, quem se mete onde não é chamado * Entre marido e mulher nunca metas a colher * Entre pai e irmãos nunca metas as mãos * Pela boca morre o peixe * Quem muito fala, pouco acerta * Quem muito fala, muito erra * As palavras mostram o que cada um é * Os homens conhecem-se pelas palavras e os bois pelos cornos * Língua ajuizada é sempre moderada * Quem mais jura mais mente * Não peças a quem pediu, nem sirvas a quem serviu * Zangam-se as comadres sabem-se as verdades * Não dês o dedo ao vilão, porque te tomará a mão * Deita-te na cama e não te importes com quem vai na rua * Quem tem filhas e ovelhas não pode falar das alheias * Não julgues mal de ninguém, nem para mal nem para bem * Aos mortos e ausentes, nem os insultes nem os atormentes * Os homens entendem-se pelas palavras e os burros aos couces * Não te rias do mal do vizinho, que o teu já vem a caminho * Mais fere má palavra, que espada afiada * Agarram-se os pássaros pelo bico, e os homens pela língua * Boca calada não vai lá a mosca * A palavras loucas, orelhas moucas.

SOBRE O TEMPO

Ao luar de Janeiro se conta o dinheiro * Quem na Páscoa não estria, toda a noite pia * Sol na eira e água no nabal * Quando não chove em Fevereiro, não há bom prado nem bom lameiro, nem corno de carneiro * Abril, águas mil, coadas por um funil * Inté Janeiro, qualquer cão passa o rigueiro * Quem não malha em Agosto, malha o suor do rosto * Setembro ou seca as fontes ou leva as pontes * Santos, neve pelos cantos * Meados de Janeiro, meia arca, meio palheiro * Dia de S. Martinho, lume, castanhas e vinho * P'ra o ano ser bom de pão, sete neves e um nevão * Em Novembro e no mês do Advento racham as fragas co'a água e co'o vento * Fevereiro quente traz o diabo no ventre * Se não chove em Fevereiro nem bom pão nem bom lameiro * Março airoso, Abril chuvoso, Maio pardo e S. João claro fazem o ano

fermoso * Março marçagão, pela manhã cara de cão, ao meio dia cara de rainha e à noite sega co'a foicinha * Até à Senhora de Agosto malha a teu gosto, da Senhora de Agosto em diante suor do teu rosto * Pelo Natal, ande o frio por onde andar, ou bem chover ou bem nevar * Fevereiro, barranqueiro, cada suco seu rigueiro * No dia de S. Martinho mata o teu porco e bebe o teu vinho * Rabo de Março, cabeça de Abril, nunca ao mundo havia de vir; perde a burra o rincho e o porco o guincho * Guarda pão para Maio e lenha para Abril que t'há-de cumprir * Quer no começo quer no fundo, em Fevereiro vem o Entrudo * Quando Março sai ventoso, sai Abril chuvoso * A água que no Verão há-de regar, em Abril tem de ficar * A três de Abril o cuco há-de vir; e se não vier até oito, está preso ou morto * Depois de Ramos na Páscoa estamos * Dia de S. Martinho vai à loja e prova o vinho * Em Abril águas mil * Em Abril abre a porta à vaca e deixa-a ir * Em Maio verás a água com que regarás * Dos Santos ao Natal é bom chover e bom nevar * Guarda pão para Maio e lenha para Abril * Fraco é Maio que não rompe uma crosse * Por Santiago pinta o bago * Seis meses de Inverno e três de inferno * Uma andorinha só não faz o Verão.

SOBRE O DIABO

Com moços piquenos nem o diabo quis Nada * Quem quer que o diabo lhe apareça é falar-lhe na cabeça * Tem mais Deus para dar, que o diabo para levar * Deus entre aqui e o diabo em casa dos padres * O diabo não desmancha cruces * O diabo está nas pias de água benta, para distrair a gente * É preciso acender uma vela a Deus e outra ao diabo * Deus é bom, mas o diabo não é mau * O lume ao pé da stopa, vem o diabo e assopra * Quando se vê coisa feia: parece o diabo * O diabo deixa sempre o rabo de fora * Vai-te diabo para Gralhas, Tó diabo * O diabo primeiro anda co'a manta, depois anda c'o chocalho * Segredo de três, o diabo o fez * Nem come nem bebe, nem o diabo que o leve * O diabo tanto faz aos filhos que até lhes tira os olhos (ou que lhe dá cabo dos focinhos) * Dia de S. Bartolomeu anda o Diabo à solta.

SOBRE A SAÚDE

Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer * Casa onde não entra o sol entra o médico * Dormir com janela aberta, constipação quase certa * Água corrente não mata gente * De pequenos almoços

e grandes ceias estão as sepulturas cheias * Se és comilão encomenda teu caixão * Velho namorado, cedo enterrado * A velho recém-casado, rezar-lhe por finado * Às nove deita-te e dorme * O mal e o bem, à cara vem * De médico, engenheiro e louco todos nós temos um pouco * Quem de velho escapa, cem anos dura * Ferradela de licranço não tem cura nem descanso * Para tudo há remédio menos para a morte * Quando o mal é de morte o remédio é morrer * Quem de novo não morre de velho não escapa * Enquanto há vida há esperança * Bexigas e sarampelo sete vezes vem ao pêlo * Engorda o menino para crescer, e o velho para morrer * Mulher doente, mulher para sempre * Erros de médico a terra os cobre.

AGRICULTURA

A primeira sexta de Março, sacham-se as hortas e enforcam-se as rocas * Chuva na Ascensão das palhinhas fazem pão * Chuva no S. João, bebe o vinho e come pão * Em Julho abafadiço, fica a abelha no cortiço * Pelo S. Mateus pega nos bois e lavra com Deus * Quem planta em S. Miguel vai à horta quando quer * S. Miguel soalheiro enche o celeiro * Cava fundo em Novembro para plantares em Janeiro

TRABALHO

Roma e Pavia não se fizeram num só dia * Devagar que tenho pressa * Deus ajuda quem trabalha * Quem não faz as coisas bem de uma vez, fá-las por duas ou três * Quem porfia mata caça * Quem porfia sempre alcança * Nesta terra terruca, quem não trabalha não manduca * Quem quiser ser pobre sem o sentir meta obreiros e deite-se a dormir * Se quiseres fazer as coisas depressa anda devagar.

SOBRE A MULHER

Velho casado com mulher nova, vive enganado ou abre a cova * Conselho de mulher vale pouco e, quem o toma, é louco * Homem velho e mulher nova ou «corno» ou «cova» * Mulher honrada deve ser calada * A mulher e a galinha, com o sol recolhida * A mulher e a ovelha, com o sol na cortelha * Mulher janeleira, raras vezes encarreira * Mulher de janela, diz de todos e todos dela * Mulher e gato fazem do homem sapato * A mulher e a galinha até casa da vizinha * A mulher e a perdiz só presas pelo nariz,

QUESTÕES JURÍDICAS

Dos enganos vivem os escrivões * Diz-me quanto tens, dir-te-ei quanto vales * Ladrão que rouba ladrão, tem cem anos de perdão * Na casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão * O costume faz a lei * A ocasião faz a ladrão * Amigos amigos, negócios à parte * Quem as fez que as pague * Quem as fez que as desfaça * Quem cabritos vende e cabras não tem de algum lado lhe vem * Quem aproveita o que não presta, tem o que lhe faz falta * Quem dá o que pode a mais não é obrigado * Quem cala consente * Quem se não sente não é filho de boa gente * Quem paga o que deve sabe o que lhe fica.

CASAMENTO

Quem vai casar ou é enganado ou bai inganar * Quem vai à boda leva que coma * Quem casa quer casa * Na morte e na boda verás quem te honra * Não há boda pobre nem mortório rico * Quem fizer a cama, bem se deitará nela * Antes que cases olha para o que fazes * Não há morte sem pranto nem casamento sem canto — Não há casamento pobre nem enterro rico

BAPTIZADO

Depois dos baptizados feitos não faltam padrinhos * A boda e a baptizado ninguém vai sem ser chamado; mas a baptizado e a boda vai a gente toda * A bodas e baptizados só vão os convidados.

HEREDITARIEDADE

Males dos nossos avós quem os faz são eles que os paga somos nós * Filho de peixe sabe nadar * Quem sai aos seus não degenera.

VÁRIA

Quem torto nasce tarde e mal nunca endireita * Quem tem unhas toca viola * Quem não tem unhas não toca guitarra * Quem não tem pernas não pode dar coices * Filho de peixe sabe nadar * Quem quer bom cão de caça procura-lhe a raça * Água mole em pedra dura tanto dá até que fura * De pequenino é que se torce o pepino * Enquanto se capa não se assobia * Com vinagre não se apanham moscas * Pela

aragem se vê quem vai na carruagem * Pelas vésperas se conhecem os dias santos * Gato escaldado da água fria tem medo * No andar e no vestir serás julgado entre mil * De longe vai a água ao moinho * De grão a grão enche a galinha o papo * Usa e serás mestre * Um velho sabe mais que um doutor * Quem dá aos pobres empresta a Deus * Mais irrita o falso prometer que o pronto recusar * Aqui ou além sempre vejas com quem * O pai impertinente faz o filho desobediente * Fia-te na Virgem e não corras * Quem espera desespera * Os homens não se medem aos palmos * Para grandes males grandes remédios Quem me avisa meu amigo é * Quem não deve não teme * Não há rosa sem espinho * Quem não tem cão, caça com gato * Quem escuta de si ouve * O hábito não faz o monge * Pela aragem se vê quem vai na carruagem * Quem um bem quer ter, outro tem que perder * Quem tem burro e anda a pé, mais burro é * Quem tudo quer tudo perde * Onde há fumo há fogo * Filho és pai serás, conforme fizeres assim toparás * Quem madruga Deus ajuda * Quem meus filhos beija, minha boca adoça * Galinha velha faz bom caldo * Boa fama granjeia, quem diz mal da vida alheia * Boca calada, não entra lá nada * Lume de giesta, lume de festa; acabou-se a giesta, acabou a festa * Lume de urzeira, lume de canseira * Velhos e porcos só dão resultado depois de mortos * Quem troca caminhos por atalhos nunca lhe faltam trabalhos * Venha a minha filha mas não venha a toda a hora * Muito riso pouco siso * Quem dá ou gasta o que tem, a pedir vem * Mãos que dais, o que esperais? * A dança sai da pança * Parentes são os dentes e às vezes mordem a língua * Quem canta antes do almoço chora antes do sol posto * Quem não tem, não troca * Quem puder ser livre, não se captive * Quem deve cem e tem cento e um, não teme nenhum * Quem tem esperança, sempre alcança * O prometido, é devido * Quem quis casar sempre casou; * Se não foi onde quis foi onde topou * Deus nos livre de bocas abertas e de coisas que nunca são certas * Muito mal de mim se diz, mas o pior inimigo é o que m'ó traz ao nariz * Quem na boca do saco não pôs atilho, padece a mãe e mais o filho * Cão que ladra não morde * Boca calada não entra lá mosca * À sorte e à morte ninguém lhe foge * Sino triste, morte lhe assiste * Demanda, Deus a manda * O seu, a seu dono * Ó p'ra baixo todos os santos ajudam * Atrás de mim virá quem bom de mim fará * Enquanto há vida há esperança * Bolsa rota, dinheiro à solta * Na prisão e no hospital vê quem te quer bem e quem te quer mal * No perigo é que se conhece o amigo * Vê-se na adversidade o que vale a amizade * Nas ocasiões é que se conhecem os amigos * Ninguém se meta onde não é chamado * O segredo é a alma do negócio * O segredo de três o diabo o fez * Quem vai para o mar... prepara-se em terra * Para a feira e para o moinho não esperes pelo vizinho *

O dinheiro faz-se para se contar * Quem faz um cesto faz um cento, se lhe dão verga e tempo * O medo guarda a vinha * Não há mal que cem anos dure, nem bem que nunca se acabe * Querer é poder * Aprender até morrer * Quem não quer a boa mãe tem a má madrasta * Não há cego que se veja nem coxo que se conheça * Não há pior cego que aquele que não quer ver * Lembra o conselho depois que se vai o coelho * É melhor prevenir do que remediar * Depois de casa roubada, trancas à porta * Quem a boa árvore se acolhe, boa sombra a colhe * Pelas obras e não pelo vestido é o homem conhecido * Ande eu quente e ria-se a gente.

Aqui deixo 351 rifões, distribuídos, de forma subjectiva e arbitrária, por diversos capítulos. É evidente que alguns deles têm várias significações e, por conseguinte, poderão continuar deslocados relativamente à sistematização que lhes dei.

Penso, contudo que será mais fácil, através dos enquadramentos temáticos que entendi fazer, contribuir para um estudo da riqueza popular da região transmontana, vulgarmente conhecida por Terras de Barroso.

O Prof. Dr. Santos Júnior em *Paremiologia Jurídica Galaico-Portuguesa* trabalho publicado em 1949, cita o Prof. Doutor Mendes Corrêa que sobre os ditados populares escreveu: «os adágios e rifões formam um vasto, variado e remoto património da sabedoria popular. Há-os inúmeros, respeitantes aos factos mais diversos, muitos deles comuns a diferentes nações, traduzidos em várias línguas e vindos de distantes épocas. Dir-se-ia que esse pecúlio tradicional mergulha as suas raízes mais profundas nas eras longínquas da organização das primeiras sociedades humanas. Alguns rifões — prossegue o eminente antropologista e fundador da Escola antropológica da Universidade do Porto — «revelam no povo um remoto presentimento intuitivo de verdades científicas modernamente estabelecidas».

Por tudo isto me pareceu salutar reunir alguns rifões que se propagam pelo noroeste transmontano e que, embora sendo comuns a muitas outras regiões do país e até alguns com influências ou versões similares no estrangeiro, podem ajudar a compreender melhor as virtudes e os defeitos do Povo dessa fronteira região.

É claro que não ficou esgotada a recolha, nem sequer ela foi realizada com o rigor científico que seria para desejar.

O que se teve em conta foi a variedade rifoneira e, através dela, a riqueza filosófica que deve sensibilizar os mais jovens e os mais capazes.

Foi esse o meu objectivo, numa espécie de aliciamento por um tema apaixonante.

Guimarães, Páscoa de 1984.

BIBLIOGRAFIA

- BARROSO DA FONTE — Usos e Costumes, Chaves, 1973.
- BARROSO DA FONTE — Crónica Feminina, n.º 694, pág. 41, Lisboa, 1970.
- BARROSO DA FONTE — Crónica Feminina, n.º 759, pág. 33, Lisboa, 1971
- LOURENÇO FONTES — Etnografia Trasmontana, I Vol., 1974.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Presença, Ano XI - 3.ª Série, Junho 69 Bragança.
- HIRONDINO P. FERNANDES — O Rifoneiro e a alimentação, Bragança, 1974.
- HIRONDINO P. FERNANDES — A Saúde e o Rifoneiro, Bragança, 1970.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Um Mestre que vai colaborar, Bragança, 1967.
- HIRONDINO P. FERNANDES — Um Mestre que teima em se conhecer, Bragança, 1967.
- MANUEL VIEGAS GUERREIRO — Pitões das Júnias, Lisboa, 1981,
- SANT'ANNA DIONÍSIO — Guia de Portugal, 5.º Vol F. C. Gulbenkian, Lisboa, 1969.
- SANTOS JÚNIOR — Paremiologia Jurídica Galaica-Portuguesa, Porto, 1949.